

Nunes, N. N. 2019. “A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da ‘Festa’ e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo”, in: D. N. Chaves (coord.), *Memória e Identidade Insular: Religiosidade, Festividades e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*, S. Jorge-Açores, CHAM-UAç/Misericórdia das Velas, 2019, 337-356. ISBN 978-989-20-9631-5.

A identidade sociocultural e linguística madeirense através da memória da ‘Festa’ e dos arraiais religiosos e populares no contexto das mobilidades e do turismo

Naidea Nunes Nunes
Universidade da Madeira/UMa-CIERL
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Introdução

A identidade é uma realidade inseparável da memória que, por sua vez, é constituída pela língua, cultura e/ou tradição, religião e festividades de um povo, sendo cada vez mais um elemento diferenciador importante para a autenticidade dos destinos turísticos regionais e sobretudo insulares, uma vez que o turista, cada vez mais, procura experiências genuínas. Neste contexto, propomo-nos abordar algumas memórias identitárias de migrantes madeirenses no que se refere à sua religiosidade, principalmente às festas do Natal e dos Reis, mas também aos arraiais ou festas populares regionais. A «Festa» madeirense, período que vai de 8 de dezembro (dia de Nossa Senhora da Conceição), com a matança do porco, às festas de Santo Amaro (no dia 15 de janeiro), com o «varrer dos armários», incluindo as «missas do parto» (novenas a Nossa Senhora da Conceição), o Natal, o Fim do Ano e os Reis, tal como os arraiais são cada vez mais realidades turísticas importantes da ilha da Madeira. Por isso, importa resgatar a genuinidade das tradições e vivências populares madeirenses.

Os migrantes madeirenses recordam com muitas saudades as suas memórias da infância: a pobreza da família, a dureza do trabalho rural, mas também a alegria da «Festa» e dos arraiais. Quando regressam à ilha como visitantes e turistas, vêm à procura dessa realidade ancestral, enquanto vivências da sua identidade. Trata-se de um imaginário histórico, sociocultural e linguístico, do mundo insular que, pelas suas contingências geográficas e orográficas, as dificuldades do isolamento, a dureza da vida e a necessidade de subsistência, fazem da religião e das festas populares, sobretudo do Natal, elementos fundamentais da sua identidade coletiva e individual.

Enquadramento teórico e conceptual

Esta investigação sobre a identidade sociocultural e linguística madeirenses, através dos relatos de memória autobiográficos de indivíduos migrantes, enquadra-se no âmbito do Projeto «Memória – Nona Ilha» do Centro de Estudos de História do Atlântico

(CEHA), que tem como principal objetivo recolher relatos de memória sobre a diáspora madeirense. Através da História Oral, «O tempo é reconstrução (sem postular por continuidade cronológica), respondendo às questões contidas no presente. Assim, os relatos orais não devem ser pensados na perspectiva de restituí-los à sua totalidade (a uma totalidade prévia ou restaurada). São fragmentos que devem ser avaliados em sua potência multiplicadora de criar novos significados»¹. Sobre o trabalho de pesquisa com fontes orais e a narrativa resultante dessa ação, releva o estatuto discursivo dos relatos de memória oral sobre práticas socioculturais, em que o diálogo entre memória, história e identidade sociocultural é fundamental. Quanto à questão dos relatos orais que passam a ser textos escritos, escreve que «a dimensão poética do discurso não deve ser vista como obstáculo ao rigor metodológico». Refere Chartier, que, na trilha de Ricoeur, afirma que os documentos não só dão ‘autenticidade’ ao texto historiográfico, como também «a narrativa deve produzir inteligibilidade no ‘dar a ver’ e a ‘contar’ na configuração da arquitetura textual»².

Neste sentido, o método de recolha de dados da entrevista permite que os relatos de memórias individuais deem corpo a narrativas de histórias de vida com vivências significativas no contexto da memória coletiva de um lugar ou região. Gatica³ menciona Pollak⁴, que escreve: «a situação da entrevista é, ela mesma, da mesma forma que o escrito autobiográfico, um momento de testemunho e de reconstrução de identidade para a pessoa entrevistada». A memória coletiva tem uma função social e cultural essencial na construção da identidade de um grupo. Gatica⁵ cita Todorov⁶: «a representação do passado é constituída não somente da identidade individual – a pessoa enquanto próprias imagens de si mesma, mas também da identidade coletiva». Posto isto, a interconexão da memória social e da identidade enquanto atributos e valores da pessoa são uma realidade determinada pelo grupo ou comunidade de pertença. Deste modo, Gatica⁷ conclui que «a consciência [da identidade] se fundamenta num passado compartilhado, e quando evocamos quem somos, estamos também nos referindo a quem queremos ser: “memória, história e identidade se fundem indissociavelmente num mesmo ato” (RIVERO; BELLELLI; BAKHURST, 2000, p. 382)».

Freund⁸ explica a importância da partilha de memórias coletivas – experiências, imagens, sentimentos associados a vivências socioculturais específicas de um país, região ou local –, uma vez que o significado e os valores destas experiências na infância e juventude moldam a identidade de um indivíduo, não tendo igual sentido ou valor para

¹ Regina Beatriz Guimarães Neto, «Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas». In Montenegro, A. et al. *História Oral, Desigualdades e Diferenças*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2012, 15-37, p. 18.

² *Historiogr.* p. 33.

³ Monica Gatica, «Desigualdades e diferenças: história oral e movimentos sociais». In Montenegro, A. et al. *História Oral. Desigualdades e Diferenças*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2012, 218-230, p. 226.

⁴ Michael Pollak, *Memoria, Olvido, Silencio: La Producción Social de Identidades Frente a Situaciones Limite*, Ediciones Al Margen, La Plata, 2006, p. 74.

⁵ *Desiguald.* p. 228.

⁶ Tzvetan Todorov, *Los Abusos de la Memoria*, Paidós, Barcelona, 2000, p. 51.

⁷ *Desiguald.* p. 228.

⁸ Alexander Freund, «Migração, memória e identidade: relatos de história oral no contexto de histórias familiares e nacionais». In Montenegro, A. et al. *História Oral, Desigualdades e Diferenças*, Editora Universitária, UFPE, Recife, 2012, 247-258.

quem não as viveu. Diz que «Desde os estudos fundamentais de Hallbwachs, o conceito de memória coletiva foi tornado preciso, especialmente por meio de trabalhos de psicologia cognitiva e social (Bruner, Assmann & Welzer), bem como por meio das novas neurociências (Schacter)»⁹. Afirmar ainda que «Diferentemente da língua e das formas de convivência e de comportamento externas, os imigrantes não conseguem apreender a memória coletiva de sua nova pátria. De vez em quando, eles terão uma ideia dessa memória coletiva, mas para eles, na maioria dos casos, ela será acessível apenas num plano intelectual, mas não num plano emocional. Em geral, a maioria dos imigrantes se integra econômica e socialmente de uma forma relativamente rápida e bem-sucedida, mesmo que muitas vezes isso exija grandes sacrifícios, sobretudo nos anos iniciais. Mas, até agora, ainda não foi extensamente explorado até que ponto e de que maneira ocorre uma integração às memórias coletivas no país anfitrião»¹⁰.

De acordo com Freund¹¹, o conceito de memória coletiva, no contexto das histórias de vida de migrações, permite responder à questão da identidade, sem a restringir a um indivíduo ou grupo étnico. Pois, a memória identitária é construída de forma narrativa em conjunto com o entrevistador. Salienta que, no caso dos migrantes, a construção da sua identidade é complexa, visto que estão entre dois países, línguas e culturas, nos quais desenvolvem a sua identidade, havendo a convergência de diferentes memórias coletivas. É o que acontece com os nossos informantes, entre a Madeira e a França, a África do Sul, o Canadá e a Venezuela. Sobretudo no caso da Venezuela, houve e, hoje, é evidente, com o regresso de muitos migrantes de primeira geração e (luso-)venezuelanos, o intercâmbio transcultural e a mudança sociocultural em curso na ilha. Freund¹² sublinha que «o conceito de memória coletiva é significativo para que se possa compreender melhor as experiências de migração», através da «pesquisa empírica de memórias coletivas». Assim, estas fontes orais constituem o *corpus* de análise sociocultural e linguística deste estudo. Trata-se de entrevistas biográficas em que o entrevistado conta a sua história de vida. Para Freund¹³, «As histórias de vida construídas em entrevistas de história oral não são meramente relatos das experiências de indivíduos. Antes elas são histórias de vivências que se originaram no contexto de histórias familiares e nacionais. Vivências, experiências e recordações também são sempre filtradas por histórias e enredos maiores, reconstruídas em múltiplas narrativas recontadas, de modo que, por fim, elas se ajustam bem à própria história de vida, à história da família e da nação». As recordações da *Festa* e dos arraiais madeirenses, no contexto das mobilidades, são vivências emocionais e sensoriais que reforçam o relato de memórias da mesma identidade coletiva.

Metodologia de trabalho

As entrevistas foram realizadas com base num guião semiestruturado de questões, tendo como temáticas a infância e o quotidiano na ilha, a partida e a instalação no novo país, as línguas e as culturas, e o regresso à ilha. Dos relatos de memória oral das

⁹ *Migr.* p. 248.

¹⁰ *Idem*, p. 249.

¹¹ *Idem, ibidem*.

¹² *Idem*, p. 253-254.

¹³ *Idem*, p. 254.

narrativas autobiográficas recolhidas, seleccionámos os conteúdos relativos à infância na ilha da Madeira, nomeadamente sobre a «Festa», o Fim do Ano e o dia de Reis, e os arraiais ou festas religiosas e populares. Procedemos à descrição e análise desses elementos como parte da identidade individual e coletiva madeirense. Na tabela abaixo, sistematizamos os perfis sociolinguísticos dos entrevistados: 6 mulheres (F) e 3 homens (M) correspondem à primeira geração de migrantes (4 na Venezuela, 1 em França, 1 nos Estados Unidos da América, 1 no Canadá e 2 na África do Sul, dois destes homens, antes de irem para os EUA e o Canadá, emigraram para a Venezuela, o que mostra a importância deste destino na época; e 3 mulheres luso-venezuelanas de 2ª geração, nascidas em Caracas e residentes na Madeira, que regressaram à terra de origem dos seus pais devido à situação de crise na Venezuela.

Tabela I – Perfis sociolinguísticos dos entrevistados

Número e género do informante	idade	escolaridade	profissão	naturalidade	País de destino
1 F	84 anos	3ª classe	engomadeira	Água de Pena - Machico	França
2 F	83 anos	4ª classe	costureira	Gaula - Santa Cruz	Venezuela
3 M	80 anos	3ª classe	comerciante	Campanário - Ribeira Brava	Venezuela e Estados Unidos
4 F	76 anos	3ª classe	doméstica	Água de Pena - Machico	África do Sul
5 M	69 anos	4ª classe	comerciante	Água de Pena - Machico	Venezuela
6 F	68 anos	3ª classe	doméstica	Lugar de Baixo - Ponta do Sol	Venezuela
7 F	68 anos	4ª classe	comerciante	Câmara de Lobos	Venezuela
8 M	64 anos	4ª classe	várias profissões	Jardim do Mar - Calheta	Venezuela e Canadá
9 F	58 anos	4ª classe	Empregada no negócio do marido	Santa Cruz	África do Sul
10 F	53 anos	ensino secundário	comerciante	Caracas - Venezuela	Lusodescendent e residente na Madeira

11 F	45 anos	licenciatura em direito	jurista	Caracas - Venezuela	Lusodescendent e residente na Madeira
12 F	38 anos	licenciada em gestão e administração	comerciante	Caracas - Venezuela	Lusodescendent e residente na Madeira

1. A ‘Festa’ e os Reis

Pita Ferreira¹⁴ fala-nos da «noite do pão» na «revéspera do Natal», noite de 23 para 24 de dezembro, no Caniçal e Paul do Mar, assim como das «missas do parto», tão importantes como a morte do porco e a «picada da carne» e «salga» no dia seguinte, para a «carne-de-vinho-e-alhos» que será «comida nos dias de Natal, ao almoço», acrescentando que «em casa de muitos, toca-se e trova-se, até altas horas da noite. Assim começa a Quadra do Natal». Seguidamente, descreve a «fornada do Natal»: o «amassar do pão da Festa», fazendo «brindeiros» («pequeno pão feito com o final da massa») para as crianças¹⁵. Declara que o «Dia de Festa (...) está adornado com costumes e tradições que muito honram o nosso folclore»¹⁶, como o «armar do presépio» ou «lapinha» e a «missa do galo». Sobre as «oitavas», escreve: «As duas oitavas do Natal, a do Jesus e a dos Reis, são vividas pela maior parte dos madeirenses como se fossem dias santos de guarda. De manhã ouvem missa, comungam e beijam o Menino Jesus (...); de tarde visitam os padrinhos ou as pessoas mais idosas (...) com quem jantam»¹⁷.

Refere ainda os «bailaricos», depois do jantar, com muita animação, cantando e dançando ao som dos instrumentos regionais, nomeadamente em S. Vicente e no Caniçal. Curiosamente, não menciona os «brincos», grupos de pessoas com instrumentos musicais tradicionais («rajão» ou machete, viola de arame, «braguinha» ou cavaquinho, harmónica, acordeão, etc.), que tocavam e cantavam despiques e cantigas populares toda a noite, indo de casa em casa, nos diferentes sítios das freguesias ou paróquias. Quanto ao Fim do Ano, o autor diz que «o povo dos campos» trova ao som dos instrumentos regionais. Na Venezuela, sobre a memória deste na Madeira, Neves¹⁸ escreve os seguintes versos: «Em cada casa há folguedos, / alegrias e brinquinhos, / e os cantares madeirenses / de charambas a bailinhos», atestando a existência de «brincos» ou «brinquinhos». A propósito de os Reis, Pita Ferreira¹⁹ informa que «As festas e folguedos do Natal não acabam vão até meados de janeiro (...) As noites, sobretudo as do domingo para a segunda, são passadas a cantar os Reis em casa dos vizinhos», explicando que «uma vez chegada a comitiva à casa, depois de acordada a família com cantigas improvisadas,

¹⁴ Manuel Juvenal Pita Ferreira, *O Natal na Madeira. Estudo Folclórico* (2ª edição), DRAC-Madeira, Funchal, 1999, p. 67.

¹⁵ *O Nat. na Mad.* p. 85.

¹⁶ *O Nat. na Mad.* p. 123.

¹⁷ *O Nat. na Mad.* p. 257.

¹⁸ Tiago Batista Neves, *Canto à Madeira. Poesia Popular dum Emigrante Madeirense*, Edição do Autor, Funchal, 2008, p. 71.

¹⁹ *O Nat. na Mad.* p. 303.

estabelece-se um desafio improvisado entre os que estão no terreiro e os que estão dentro de casa, até a porta se abrir»²⁰.

Alguns informantes mais velhos relatam memórias destas tradições, designadamente das «oitavas» e dos Reis, incluindo o costume dos «brincos». A informante 1, entrevistada na sua casa, em Água de Pena, pela autora deste estudo, a 17/8/2016, lembra uma infância humilde, mas feliz. Informa que, naquela época, a afluência à missa era assídua, pois ninguém podia faltar à missa do domingo e a oração fazia parte do dia-a-dia. Apesar de pobre, o seu pai tinha vários instrumentos musicais e tocava «rajão», «braguinha» e harmónica. Faziam algazarras por altura dos arraiais, Natal e dia de Reis. Eram os «brincos», grupos de tocadores e cantadores que iam de casa em casa. Indica que, na «Festa», a ementa tradicional era cacau, «carne vinha-d'alhos» e pão caseiro, molhado no molho da carne. O almoço de Natal era em casa, enquanto o jantar era sempre na casa da avó. Diz que havia a tradição da avó oferecer um pequeno pão a cada neto: um «brendeiro [brindeiro]». Quando voltavam para casa, depois do jantar na casa da avó, a ceia era vinho doce e pão para molhar: «No dia de *Festa* [Natal] à noite, quando se chegava de [da] casa de [da] minha avó, era vinhe [vinho] doce, *cuma* [como] uma sangria e pão pa [para] molhar no vinho. Era [a] tradição na noite de Natal». A propósito do vinho, acrescenta que o «vinho do Natal» era água-pé misturada com o pouco vinho que restava, depois da entrega do «colono» ao dono da terra: «*Aquilhe* [Aquila] era o vinhe [vinho] *pao* [para o] senhorzinho. Sim, era mais de metade *pao* [para o] senhorio. E eles, *antão* [então], aproveitave [aproveitavam], como era muita vinha, muita uva, aproveitave [aproveitavam] a água-pé. Quer dizer que *deitave* [deitavam] outra vez água dentre [dentro] daquele *bagace* [bagaço] e *levantavem* [levantavam] *aquilhe* [aquilo] com uma pá ou com uma foice ou com uma enxada a cavar e, depois, é que *fazie* [faziam] outra vez mais outra pisa a andar e, *antão* [então], pa [para] fazer aquela aguinha-pé [água-pé] pa [para] misturar com o vinhe [vinho], que era o vinhe [vinho] do Natal. [O] meu pai guardava sempre um *barilhinhe* [barrilinho/barril] de vinhe [vinho]».

Nessa altura, devido à pobreza resultante do próprio regime de «colónia», existia uma economia comunitária, por exemplo quem não tinha forno para cozer pão, ia a casa de quem tinha, deixando um pão como pagamento, o chamado «pão do forno» (um para o dono do forno e um para quem ajudava a amassar ou a fazer e cuidar do lume no forno). Cada família amassava uma semana e fazia pães a mais para partilhar com outra família, que amassava na semana seguinte, tendo assim pão fresco com menos recursos: «se uma tinha 8 pães... 16 pães... emprestava 6 ou 7, a uma, p'ra [para a] semana, que era o *primeire* [primeiro] do *ane* [ano], já aquela amassava, vinha dar fresco à outra que emprestou, fazia-se assim. E, se alguém era muito pobre que não tinha farinha para amassar, «*dave* [davam] um *pãozinho* [pão] a cada um ou cada um dava um *pãozinho* [pão], *ficave* [ficavam] com 3, 4...». Não havendo frigoríficos, matavam um cabrito e partiam em 4 partes, dividindo pelos vizinhos; quando os vizinhos abatessem os seus cabritos, faziam o mesmo. Conta que, no dia de Natal à tarde, iam para a casa da avó e comiam «*cabrite* [cabrito] e *ensopade* [ensopado]. No Natal, era sempre *cabrite* [cabrito], também a gente matava. [O] meu pai matava um *cabritinhe* [cabritinho/cabrito] *pá* [para a] Festa [Natal]. Às vezes, havia 4 pessoas... *nã* [não] *ie* [iam] matar... não havia *frigorifiques* [frigoríficos]. *Antão* [então], faziam o contrato, um matava *por o* [pelo]

²⁰ *O Nat. na Mad.* p. 303.

Natal, um *quartinhe* [quartinho/quarto] *pa* [para] cada um, outro matava *pao* [para o] *primeire* [primeiro] do *ane* [ano], *pa* ser *fresque* [fresco] e *outre* [outro] *quarte* [quarto] *pa* [para] pagar. Sempre vinha o [dia de] Reis que era maior...”.

Relata que o dia de Reis era vivido mais intensamente do que o Natal, havendo «brincos» e mascarados: «A mulher vestia-se de homem... o homem vestia[-se] de mulher». A festa dos Reis era maior do que a do Natal: «*pa* [para] cantigas era mais. Era [eram] as noites inteiras. Andavam de casa em casa rapazes e raparigas... E mascarados. Eu mascarava-me daqui à casa de [da] minha avó, mas *mai* [mais] [era] [o] meu pai. Adepois [depois], *apupave* [apupavam]: era *uuuh*... *uuuh*... *pa* [para] eles *dare* [darem] doces. C’uma [com uma] canaveira fazia-se *buraquinhos* [buraquinhos/buracos]... Era a vida do pobre, mas era alegre». Sobre o que comiam nos Reis, confirma: «matava [matavam] um *cabrite* [cabrito] nos Reis e no Santo Amaro. Quer dizer, quem tinha um *cabritinhe* [cabritinho/cabrito] tinha 4 partes... era dividido para os 4. E, *antão* [então], *dividie* [dividiam] *paos* [para os/pelos] 4. *Come* [como] não havia frigorífico, tinha [tinham] que salgar».

No Natal, no primeiro do ano, no dia de Reis e no dia de Santo Amaro, matavam um galo capão, para fazer canja e comer a carne: «na véspera do Natal, já tinha um *bocadinho* [bocado], era as miudezas e o pescoço e as *patinhas* [patas]. Uma canja, à noite. No outro dia, era metade da galinha *pa* [para] fazer ao almoço. Adepois [depois], a outra metade da galinha, elas *dependurave* [penduravam] numa cesta, por causa das moscas, *abafadinhe* [abafadinho/abafado]. E, *adepois* [depois], *pa* [para] comer na primeira oitava ou na segunda oitava, *dependia*». No dia de «Festa», a mãe tinha que se levantar de manhã cedo para fazer a «carne vinha-d’alhos». Depois, quando vinham da missa, a mãe cozia a galinha para o almoço. O quotidiano dos agricultores, como preparação para a «Festa», implicava a apanha da erva para a vaca, que estava fechada num «palheiro» (estábulo). Este, na parte de cima, tinha um *sótão* para a erva e a palha: «a gente tinha-se que deixar erva *p’aqueles* [para aqueles] 3 dias, *pa* [para] cabras e *pa* [para] coelhos. Era 2 dias *pa* [para] se apanhar erva, *pa* [para] guardar, qu’era [que era] *pá* [para a] primeira oitava... [O] *Mê* [Meu] pai *prantava* [plantava] sempre *milhe* [milho] *p’apanhar* [para apanhar] pelo Natal. Na terceira oitava, [a] minha mãe já ia apanhar *comidinha* [comida/erva], já lavava...».

Atesta que, na primeira oitava, «quem tinha compadres, a primeira oitava era *paos* [para os] *padrinhes* [padrinhos]. *Quande* [quando] era o *conjunte* [conjunto], *maride* [marido] e mulher, ia *tude* [tudo] no mesmo dia, se não fosse, ia [iam] à casa do *padrinhe* [padrinho], a primeira oitava, e a segunda oitava à *madrinha*. E *outres* [outros] *fazie* [faziam] o Natal *pá* [para a] casa dum e o ano novo *pá* [para a] casa *doutre* [doutro], mas, quase sempre, a primeira oitava era o dia dos *padrinhes* [padrinhos]. Mas, antes de *ire* [ir] *pá* [para a] casa dos *padrinhes* [padrinhos], *comia-se* [comíamos] em casa». Sobre os «brincos», diz que começavam na noite antes da primeira «oitava»: «Um *brinque* [brinco]... no dia de Natal, eles *nã* [não] se juntavam, *vinhe* [vinham] *p’ra* [para] casa. [O] meu pai ia à primeira missa, quando havia à meia-noite, ele ia a *Machique* [Machico] mais [com] um *vezinhe* [vizinho]. E, *adepois* [depois], *vinhe* [vinham] *p’ra* [para] casa, já *chegavam* [chegavam] a casa às 5 horas. Ia-se [íamos] [a] outra missa, às 5 horas da manhã, que, no dia de Natal, havia 3 missas, era um [uma] às 5 horas e a outra [às] 8 horas. Saía duma e entrava na outra, no dia de Natal, era [eram] 3 missas. Da noite para

a primeira oitava, já eles saíe [saíam] de casa». Este relato revela bem a importância das missas e da religiosidade associada à «Festa».

A informante 4, entrevistada na sua casa, também em Água de Pena, pela autora deste estudo, a 23/11/2016, relata uma infância pobre com muitas carências e trabalho, tendo ido ainda adolescente como criada para a casa de uma família rica no Funchal. Depois de casada, foi com o marido para a África do Sul. Questionada sobre a sua vida no país de destino, diz-nos que lá havia muita carne, ao contrário da Madeira: «A comida cá era sempre a mesma coisa, o que havia da terra. Lá cá havia! A gente ia-se a um lugar que era meia vaca ou uma vaca inteira». Quanto às memórias do Natal da sua infância, confessa: «era uma maravilha, quando a gente chegava ao Natal! [O] meu pai matava sempre um cabrito, no Natal». Questionada sobre a carne de porco, responde: «Matava-se o porco, mas, na véspera de Natal, cá era memo [mesmo] o cabrito. [O] meu pai deixava sempre o seu cabritinho [cabrito] *pao* [para o] Natal. Na noite de Natal, *cande* [quando] a gente chegava da missa, já tava [estava] [o] meu pai c'aqueles [com aqueles] cheirinhos [especiarias]... Era um assadinho [assado] de cabrito». Quisemos saber onde era feito o assado e a entrevistada indicou que era «naíquelas [naquelas] panelas de ferre [ferro] de três pés e comia-se com pãozinho [pão] de casa... A gente ia-se *pá* [para a] cama satisfeitos [satisfeitos]», ao contrário dos outros dias do ano.

Relativamente à feitura do pão de casa, não tinham forno a lenha de fazer o pão, por isso iam a casa da avó. Sobre os Reis, diz: «Eu sei que [a] minha mãe guardava o galo do Natal, o galo do primeiro do ano e o do [dos] Reis, porque na altura dos Reis eles faziam uma grande festa. Ainda era mais que o Natal. Antigamente, o [os] Reis era mais forte que o dia de Natal ou o primeiro do ano». Perguntámos o que faziam no dia de Reis e o que comiam, ao que respondeu: «Era de tudo... era o pão... era o frango... era a canja. [A] minha mãe cortava um pedacinho [pedaço] do pescoco [pescoço]... Tudo [todos] gostava [gostavam] do pescoco [pescoço]. Um pedacinho a cada um, *pa* [para] deitar no prate [prato]. [A] minha mãe arranjava depois um ensopadinho [ensopado] de galinha com arroz... *p'ra* [para] o segundo prato. Um ensopado come [como] *cande* [quando] era *ui* [os] noives [noivos]. Os noives [noivos] faziem [faziam] canja e *adepois* [depois]... *fazium* [faziam] o ensopado com arroz e assim era no Natal». Sobre os mascarados que iam pelas «portas» (casas), explica que era nos Reis: «A noite inteira. Homens de mulheres, mulheres de homem... uma coisa na cara. Era os Reis». Quanto aos «brincos», disse que «era o brinquinho [brinco]... que tava [estava] chegando. Naquele tempo, era um brinquinho [brinco]». Documentámos que os instrumentos musicais que tinham era a viola, o acordeão e «*folhos* [foles]», que faziam com «batoques», declarando que «faziam os seus *brinques* [brincos]».

O informante 3 foi entrevistado pela autora deste estudo, na sua casa, no Campanário, Ribeira Brava, a 21/04/2018. Emigrou para a Venezuela com 16 anos, para fugir à guerra colonial, e 3 anos depois, com 19 anos, foi para os Estados Unidos, para Massachusetts. Sobre o Natal da sua infância, informa: «Era o porco. Era no dia da Conceição, que eu me lembre, eles amassavam pão». Na noite de Natal, diz que iam à Missa do Galo e era hábito comerem atum de escabeche, com «semilhas» (batatas) e inhame. O peixe, por oposição à carne da canja, dever-se-á ao facto de a família ter um pequeno barco e viverem da pesca. Quanto ao presépio, informa: «Eu lembro-me da mesa ter muita fruta e ter o Menino Jesus, mas presentes não». No dia 25 de dezembro, comiam

«carne de vinho e alhos» ao almoço. O pequeno-almoço era «ovos, café e pão», só nesse dia: «*It was a special thing* [Era uma coisa especial]», tal como o cacau com a carne de vinho e alhos. Acrescenta que o pequeno-almoço dos outros dias era o que sobrava da ceia. Lembra-se que o avô comia «um pedacinho de pão e vinho com ovos batidos». Depois do almoço, jogavam às cartas e a ceia era canja. Sobre o que comiam na «primeira oitava», informa que era carne de porco. Lembra-se que, no Natal, «era como quinze dias de festa». Jogavam às cartas e o dentinho era «bacalhau e tremoços». Os adultos brincavam ao cassino e as crianças ao jogo do burro. Nos Estados Unidos, como a mulher era americana, não faziam a *lapinha* ou *rochinha* em casa, mas a irmã mais velha (casada com um madeirense) fazia o presépio e era onde se juntava toda a família. No dia de Natal, comiam peru recheado e o bolo de mel com licores e «malassadas» era sobretudo no Fim do Ano.

A informante 7 foi entrevistada por Graça Alves, na Biblioteca Municipal de Câmara de Lobos, no dia 28/10/2015. Natural de Câmara de Lobos, emigrou para a Venezuela, depois de se casar por procuração. A respeito da sua integração na cultura venezuelana, fala-nos da mistura de coisas da Madeira e da Venezuela na sua casa e na alimentação quotidiana, lá e cá. Menciona que, nas festas do Natal e do Fim do Ano, fazia um presépio grande ao estilo da Madeira: «a lapinha co [com o] Menino Jesus» e «comiam *hallacas* (...) tudo *criouio* [criollo/crioulo]». Sobre o Natal, fala da alegria nas ruas que existia na Venezuela: «as *Navidades* [Natal]... é muito lindo, agora a [é] que tá [está]... um pouco apagado. *Pero* [mas] muito linda, aí os apartamentos e casa [casas], aqueles fogos toda a noite. S'a [se a] Madeira é bonito, lá era muito mais lindo. A gente se diverte toda a santa noite... comendo e bebende [bebendo], brincando às cartas, largando bombas, foguetes... os carros a tocar corneta, é una [uma] cosa [coisa] espetacular. E eles fazie [faziam], em várias cidades, aquelas bandas de música, conjuntos a tocar toda a noite, aquele violino na rua». Dá o seu depoimento da mistura das saudades do Natal de cá, quando estava lá, e do Natal de lá, agora que está cá: «Quando eu tava [estava] lá, eu *estanhava* [sentia saudades de] aqui, quando tou [estou] aqui *estranho* [sinto saudades de] lá. É bonito, *pero* [mas] é aquelas cosas [coisas] que aqui acaba muito rápido. Lá, dá aquelas gaitas *per la* [pela] terevisão [televisão]».

O informante 8 foi entrevistado por Cláudia Faria, no Centro de Estudos de História do Atlântico, a 5/01/2015. Pertence à Casa da Madeira de Toronto e os seus filhos nasceram no Canadá e falam o Português, mas os netos já não. Tentam manter as raízes madeirenses, vivendo o Natal como na ilha: a «carne vinha e alhos»; o presépio que fazem em casa e na Casa da Madeira; a festa da «noite do mercado» na Casa da Madeira, para manter a tradição. Informa que a Casa da Madeira tem 3 andares: um salão, um bar desportivo, uma sala cultural e uma biblioteca. Sobre as tradições natalícias madeirenses, no Canadá, diz: «Na minha casa é à portuguesa. Tudo à portuguesa, sempre à portuguesa. Nós tentamos fazer com'aqui [como aqui], nas comidas e tudo. Eu faço a carne de vinho e alhos. Praticamente todos os portugueses fazem o presépio em casa».

A informante 10 foi entrevistada por Idalina Camacho, na Universidade da Madeira, a 14/7/2017. Lusodescendente, nascida em Caracas (Venezuela), é residente na Madeira há 5 anos. Fala das suas memórias do Natal madeirense, quando veio de férias à ilha com os pais e irmãos e ficou na casa dos avós: «quando chegámos cá, eu gostei de tar [estar] no campo, porque eu não conhecia o Natal. O Natal em [na] Venezuela é diferente! É

feito em casa, reuníamos mas era em casa, não saíamos. E cá, não! Cá quando eu vim era andar no caminho. Lembro-me muito bem do Dia de Reis, qu'*um* ia [que íamos] *nas* [às] casas cantar e passava toda a noite. Começamos com cinco e, depois, no [às] seis da manhã já eram... não sei, cinquenta, cem pessoas e... *um* entrava [entrávamos] em cada casa dava uma dança, dançava-se algo, qualquer coisa, ouvia-se a música, tomava-se algo... E depois um seguia pa [para] outra casa, pa [para] outra casa, e outra casa». Sobre a alimentação, na Venezuela, informa que a mãe, em casa, fazia a comida de lá e só nos dias especiais era comida madeirense. Ou seja, celebravam com as comidas de cá, nos dias festivos. Acrescenta: «claro, no Natal, tamém [também] faz-se comida de lá, mas ela punha comida de lá e tamém [também] punha de cá».

A informante 12 foi igualmente entrevistada por Idalina Camacho, a 26/07/2017, na Universidade da Madeira. É luso-venezuelana, nascida em Caracas, tem 38 anos e é licenciada em Gestão e Administração. Chegou à Madeira há dois anos, com o marido venezuelano e dois filhos pequenos, fugindo à crise. Sobre o Natal na Venezuela, refere «em *diciembre* [dezembro] as ha... *hallacas* que *es algo* [é algo] totalmente venezuelano [venezuelano]. Mas com muita *torta* [bolos] qu'era [que era] português. *Mi mamá hacía* [minha mãe fazia]... minha mãe *hacía* muita [fazia muita] *torta* [bolos]. Os bolos pretos... tudo seria que *ella* [ela] trazia receitas da Madeira. Os licores, ela fazia muntos [muitos] licores também, no Natal, qu'era [que era] típico». Confessa que, no Natal, lá havia uma mistura de tradições madeirenses e venezuelanas: «era misturado, o Natal, a gente comia as *hallacas*. No dia vinte e quatro, a gente comia-se *hallacas*, mas no dia vinte e cinco a gente comia carne vinho d'alhos sempre, toda a minha vida». Questionada sobre as histórias que a mãe contava do Natal madeirense, relata: «[A] minha mãe dizia no Natal que a lembrança do Natal e do Menino Jesus era uma laranja! Eles não tinham presente de uma boneca. O Menino Jesus o que a gente traz é brinquedos, a ela trazia era uma laranja, ou trazia um pãozinho com manteiga, que não tinham manteiga. Era no Natal que iam comprar um pedaço e não tinha *neveiras* [frigoríficos]. A carne era toda salgada pa [para] puder aguentar. A minha mãe sempre fala a história dela... que foi triste. Nunca faltou comida, mas sempre foi da fazenda». Também se lembra das «malassadas» com mel de cana: «na Venezuela, o meu pequeno-almoço favorito de sempre era as malassadas, os bolinhos assim pequeninos com mel de cana», que era levado da ilha da Madeira.

2. Os arraiais, festas religiosas e populares madeirenses

Fernando Augusto da Silva e Carlos Menezes, na entrada «romarias», acerca dos arraiais madeirenses, escreve: «Por ocasião dos grandes arraiais, numerosos ranchos de homens e mulheres deixam os seus lares em direção às localidades onde eles se realizam, percorrendo às vezes grandes distâncias, cantando e dançando ao som dos machetes e violas (...) É no Monte, Ponta Delgada, Machico e Loreto que mais aparecem os romeiros no desempenho das suas promessas. (...) Em Ponta Delgada, Monte e Arco da Calheta [Nossa Senhora do Loreto] são as promessas, em Machico [Senhor dos Milagres] e Santa Cruz [Santo Amaro] as procissões na véspera, de velas a arder (...) no local da festa há

sempre carne em abundância para as chamadas espetadas...»²¹. Todas as freguesias têm as suas festas religiosas, mas as acima referidas são as mais populares, com maior afluência de romeiros de diferentes partes da ilha, sendo as romarias aos arraiais momentos de alegria, de comer carne de vaca assada em paus de louro e de beber vinho seco, de tocar, cantar e dançar, contrastando com a dureza da vida e do trabalho e penúria de carne durante o resto do ano. Por isso, estas festas equiparam-se à grande festa do Natal, quando se mata o porco, o «galo capão» e o cabrito, havendo abundância de carne.

Segundo Alberto Vieira, as romarias e os arraiais no mundo insular são a afirmação da devoção popular (através da romaria, das iluminações e enfeites, do fogo de vista e de estalo, da música, bandas filarmónicas e conjuntos musicais). Afirma que «a forma e expressão destas tradições festivas através da música e danças, do traje, da alimentação, acabam por definir a identidade de cada região, lugar, ilha ou arquipélago. São fatores identificadores da imagem e identidade de uma população que perdura no tempo e a diferencia dos demais. E são estes elementos identitários que se revivem anualmente, daí a força da sua presença e atualidade e fazem parte daquilo que a mobilidade gerada pela emigração leva ao mundo inteiro»²². Desta forma, as comunidades de migrantes madeirenses são o espelho da realidade vivida e conservada na memória, que transportam para os países de destino, sendo essa força identitária que os une fora da região e que os faz voltar à sua terra natal. O autor conclui que a tradição das romarias perdeu muito do colorido, persistindo a carne na espetada, o pão caseiro, o bolo do caco e o vinho seco com laranjada, mas perdendo outras tradições como as «bonecas de massa», que Câmara²³ diz serem vendidas nos arraiais e festas de romaria, sobretudo no arraial de Nossa Senhora do Monte.

A informante 1, a propósito dos arraiais madeirenses, refere que tinha um tio que gostava muito de borgas: «Quando era a festa dos *Milhagres* [Milagres], a festa do Senhor... logo que houvesse uma festa, ele ia com o seu [a sua] harmónica, com o seu realejo e tocava... *nã* [não] tinha pressa pa [para] chegar a casa». Salienta que o pai ensinava as crianças da vizinhança a tocar «rajão». Conta que o pai e outros homens da freguesia iam vender doces aos arraiais: «Às vezes, havia 2 festas no Faial e em Santana. Eles espalhava-se [espalhavam-se] uns p'aqui [para aqui], outros p'acolá [para acolá], mas os que *ie* [iam] para Santana era mais longe. Eles também *ie* [iam] pa [para] São Jorge, que ainda era mais longe». Indica que também iam ao grande arraial da Ponta Delgada, por razões económicas. Pois, embora fosse longe e tivessem de fretar um carro, havia muita gente e compensava: «*Pá* [para a] Ponta Delgada, quando eles *afretavam* [fretavam] um *carre* [carro] pa [para] levar as *gigas* [cestas de vimes], uns 30 *quilhes* [quilos] de doces pa [para] levar às costas». Trata-se de um testemunho da vivência dos arraiais com os instrumentos musicais, mas também da venda de doces nas festas religiosas e populares madeirenses.

²¹ Fernando Augusto da Silva e Carlos de Azevedo Menezes, «Romarias», *Elucidário Madeirense*, Vol. III, SRTC/DRAC, Funchal, 1998, 387-390.

²² Alberto Vieira, «De romarias e arraiais no mundo insular», *Cadernos de Divulgação. Memória-Nona Ilha*, nº 8, SRTC/DRC, Funchal, 2018, p. 8.

²³ Teresa Brazão Câmara, «Bonecos comestíveis de Maçapão», *Atlântico. Revista de Temas Culturais*, nº. 7, outono 1986, 218-226.

A locutora 2 foi entrevistada pela autora desta pesquisa, na sua casa, no Funchal, a 08/08/2016. É natural de Gaula (Santa Cruz) e esteve 40 anos na Venezuela, tendo regressado à Madeira com o marido e os filhos já há 30 anos. Quando questionada sobre a sua infância na Madeira, a primeira coisa que recorda são as festas religiosas e populares: «Eu ia à festa de Nossa Senhora da Luz em Gaula e vinha ao Funchal com a minha avó, à festa do Corpo de Deus e a Nossa Senhora do Monte. Gostava de ir às festas do Senhor da freguesia e ia na romagem com um saquinho de trigo à cabeça para oferecer à igreja pas [para as] hóstias e adorava isso». Por sua vez, a informante 6, entrevistada por Graça Alves, no dia 18/09/2015, na sua casa, no Lugar de Baixo, no concelho da Ponta do Sol, recorda a missa dos arraiais, mas também a laranjada que só bebiam nessa altura do ano: «Era uma criança [criança], tinha ainda aquela juventude pela frente e às vezes eu ia, assim a algum arraial perto com uma prima, cheguei a ir à Trindade, à Tabua, à Santíssima Trindade, mas sempre com receio, porque apenas víamos a procissão, um bocadinho da festa que eram festas muito mais demoradas com pessoas sempre de pé e a gente ficávamos fora, ouvíamos um bocadinho da festa, depois víamos a procissão, tomávamos uma laranjada, que era o que se tomava na época, às vezes esperávamos um ano para tomar uma laranjada. Era quando havia. E, depois, correndo para casa sempre a pé, debaixo de rochas».

A informante 9, entrevistada por Graça Alves e Cláudia Faria, no dia 15/02/2013, no CEHA, conta como conheceu o marido, já emigrado na África do Sul. Foi na Festa de Santo Amaro, em Santa Cruz: «havia aquelas tabernas para beber um copo e aí tava [estava] o meu marido a conversar com o pai da minha cunhada e prontos [pronto]. Claro que nós mulheres, eu e [as] minhas irmãs e [a] minha mãe, tudo fica fora. Quem entra pá [para a] tasca é [são] os homens. Então, vêm de vez enquanto [em quando] trazer uma laranjada ou um cortadinho, que naquele tempo era vinho com laranjada. E ele veio cá fora perguntar se nós queríamos qualquer coisa. Foi aí que conheci ele [o conheci]». Regista como os arraiais eram um lugar onde alguns migrantes madeirenses arranjavam mulher para casar. Também atesta o facto de a bebida tradicional das mulheres, nos arraiais, ser a laranjada ou o «cortadinho». A décima entrevistada conta que, na Venezuela, a mãe lembrava-se sempre das festas de cá: «É dia de Sano António! É dia de São João! São Martinho... E lá vê-se a televisão de cá. [A] minha mãe punha na televisão a Festa da Flor...». Ou seja, acompanhavam todas as festas madeirenses à distância, através da TV, incluindo a noite do mercado da «Festa» e o fogo-de-artifício do Fim do Ano.

3. Devoção a Nossa Senhora de Fátima e do Monte na diáspora

Na diáspora, os portugueses identificam-se com a devoção a Nossa Senhora de Fátima. Os madeirenses, além desta, também são fiéis à devoção de Nossa Senhora do Monte, padroeira da ilha da Madeira, assim como aos padroeiros das suas paróquias de origem. No que se refere à Venezuela, país de destino da maior parte dos nossos entrevistados, Manuel Gama²⁴, ao dar conta das manifestações religiosas, festas e vivências comunitárias dos madeirenses neste país, começa por dizer que uma das

²⁴ Manuel Nóbrega da Gama, *Padrões da Fé Erguidos pela Comunidade Portuguesa na Venezuela*, Edição do Autor, Funchal, 2001.

devoções que tem «afirmações firmes e concretas é a devoção a Nossa Senhora de Fátima»²⁵. Documenta como os madeirenses se juntaram para construir capelas e igrejas em várias cidades e estados da Venezuela dedicadas a esta devoção, incluindo a *Ermita Nuestra Señora de Coromoto*, que foi reconstruída pelos madeirenses e entregue à comunidade portuguesa de Caracas, passando a chamar-se «Santuário de Nossa Senhora de Coromoto e Fátima» (Nossa Senhora do Coromoto é a virgem que apareceu ao índio Coromoto, em Guanare, sendo a padroeira da Venezuela). Informa ainda que a devoção a Nossa Senhora de Fátima já penetrou na alma do povo venezuelano, símbolo da mistura entre as duas culturas.

Em Neves²⁶, no «Cântico a Nossa Senhora de Fátima», encontramos os seguintes versos: «Nossa Senhora de Fátima / E a Virgem de Coromoto / É a mesma Santa Rainha / Do nosso povo devoto». Também apresenta um «Canto a Nossa Senhora do Monte»: «Vamos cantar à Rainha / Mais famosa da Madeira, / A Nossa Senhora do Monte / Nossa Grande Padroeira». Manuel Gama²⁷ averba que, na Venezuela, muitas capelas surgem associadas ou integradas em centros sociais ou comunitários madeirenses. O autor sublinha a existência da capela de Nossa Senhora do Monte no Centro Atlântico Madeira Club, sendo uma réplica da igreja do Monte em Barquisimeto, onde havia uma grande comunidade madeirense. Os portugueses também são responsáveis pela criação de paróquias de Nossa Senhora de Fátima, em vários lugares da Venezuela. No Centro Português de Caracas, a capela de Nossa Senhora de Fátima é onde se fazem os casamentos dos luso-venezuelanos e as respetivas festas, com música tradicional madeirense e gastronomia mista, portuguesa e crioula da Venezuela.

Sobre a religiosidade na Venezuela, a segunda entrevistada confidencia que «Na Venezuela, em Candelaria, no Estado de Caracas, tinha uma grande amiga venezuelana que era vizinha, porta com porta. Ela mandou-me esta imagem de Nossa Senhora do Coromoto com carinho porque eu já estava cá há algum tempo. Coromoto também é nome de mulheres lá porque a virgem de lá é Coromoto. Esta outra é /a/ Rosa Mística, é muito milagrosa. Nossa Senhora virgem mística, tenho uma estimação nisso». O informante 5, entrevistado pela autora deste trabalho, a 17/01/2018, na sua casa, em Água de Pena, Machico, foi emigrante na Venezuela durante 44 anos e regressou definitivamente à Madeira há 2 anos, por causa da crise naquele país. Vive na casa antiga dos pais, com a filha, o companheiro desta (venezuelano) e o neto. Resume o seu difícil percurso de vida tendo sempre presente o sentido religioso cristão do sofrimento e da entrega, característico dos migrantes de primeira geração, sendo uma forma de aceitação da perda dos bens materiais de uma vida de árduo trabalho, que teve de deixar para trás, na Venezuela: «O que eu passei. Tenho sido um Cristo, mas Deus sabe que cada um tem o que sofre. Digo seja feita a vontade de Deus. Quando toque a mim, que seja uma hora boa. Temos que nos conformar e *seguir* [continuar] para a frente». Sobre o facto de ter deixado tudo o que tinha na Venezuela e estar a viver numa casa antiga, diz: «graças a Deus, pelo menos não chove dentro. É velhinha, mas está à conta de Deus. Assim é a minha sina. Seja feita a vontade de Deus e não a nossa. *Mientras* [enquanto] Nosso Senhor nos dê [der] saudinha [saúde], estamos bem».

²⁵ *Padrões*, p. 9.

²⁶ *Canto à Mad.* p. 139.

²⁷ *Padrões*

A entrevistada 7 diz ser filha de pescador, com memórias felizes da infância junto ao mar, incluindo a de rezar o rosário com o pai e os irmãos à noite, antes de ir para a cama. Teve vários trabalhos na Venezuela, incluindo dona de um café onde vendia *arepas* e *empanadas*, enquanto o marido era taxista. Voltou para a Madeira porque o marido foi raptado no táxi. Ele está doente e quer morrer na sua terra. Ela não se identifica com a Madeira, por isso deseja voltar e morrer na Venezuela. Contrariamente, o informante 8 gostaria de regressar definitivamente para a sua terra natal, mas os filhos e os netos estão no Canadá. Sobre a Casa da Madeira em Toronto, informa que tem muitos sócios, embora nem todos a frequentem regularmente, marcando presença sobretudo na Festa da Senhora do Monte, que é o principal ponto de encontro da comunidade madeirense no Canadá. A décima entrevistada, ao falar sobre as lembranças que os migrantes levavam para a Venezuela, indica a imagem da Virgem de Fátima como a mais desejada. Fala também sobre a tradição madeirense das «flores» nas casas, contando que a mãe «comprava cântaros de flores, só que lá dá muito sol, nã [não] pode ser qualquer planta. E os sapatinhos [flores do Natal] lá nã davo [não davam] porque faz calor. Era uma forma de levar [ter] a casa parecida à de cá».

A informante 11 foi entrevistada por Idalina Camacho, na Universidade da Madeira, a 23/07/2018. Natural de Caracas, é lusodescendente de pai e de mãe e também regressou à ilha devido à crise. O pai foi para a Venezuela com 17 anos, enquanto a mãe já nasceu lá. Os pais falavam Espanhol em casa, embora o pai falasse algumas coisas em Português. Tinha contacto com o Português através dos avós, quando vinha à ilha de férias. Realça o contacto que tinha, na Venezuela, com a Língua Portuguesa, através da religião católica: «Ouvia Português, por exemplo, nas igrejas, quando havia as festas da Virgem de Fátima. Então, desde pequenina [pequenina], o que mais me contactou com Portugal foi a Virgem de Fátima. Távamos [Estávamos] em todas as festas e comemorações que faziam. As missas não eram em Português, mas os cânticos eram. Por exemplo, de 13 de maio, os cânticos eram todos em Português». No que se refere ao contacto com o Português, através de familiares madeirenses, na Venezuela, relata: «De resto, só contactava com alguns familiares lá que falavam uma mistura de Português e Espanhol. Na realidade, não se falava totalmente em Português, era uma ou outra palavra, mas era tudo em Espanhol».

A entrevistada 12 também recorda, como elemento identificativo dos portugueses na Venezuela, a Nossa Senhora de Fátima. Sobre as festas madeirenses, diz: «íamos a muita festa da Madeira e lá tem muita festa da Virgem de Fátima. A gente ia à festa da Virgem de Fátima no Parque La Paz, no Monte Alban, e tinha barracas, carne pa [para] gente comer, espetada, era como os arraiais. E tinha bolo do caco e tudo isso que faziam». Quanto ao Centro Cultural Português de Caracas, embora não fossem sócios, participavam nas festas madeirenses: «A gente não se tava [estava] no Centro Português, mas de vez em quando ia-se, mas não era que éramos sócios, paga-se uma entrada. A minha irmã fez quinze anos, [os] meus pais fizeram uma festa muito grande e sempre lá o nosso costume é ir o bailinho [bailinho]. Também no nosso casamento foi o bailinho [bailinho] porque éramos portugueses. E isso é [ser] português». Sublinham, assim, como as tradições, designadamente a música e a dança tradicionais do «bailinho», estavam presentes nos momentos mais importantes da vida das famílias e das comunidades madeirenses.

Conclusão

Os pequenos excertos das entrevistas aqui apresentados mostram bem a relação identitária e emotiva dos nossos migrantes com a religiosidade e as festividades, sobretudo com o Natal, a «Festa» dos madeirenses, e as suas tradições. Trata-se de memórias individuais e coletivas idênticas, de diferentes localidades e concelhos da ilha da Madeira, transpostas para os vários países onde se instalaram os madeirenses. Notamos que é importante o facto de os indivíduos deslocados casarem com um membro da mesma comunidade ou com alguém do país de destino, sobretudo se for a mulher, que geralmente é a transmissora da língua e das tradições. Da transposição das memórias e das tradições madeirenses para o novo território, resulta uma nova realidade transcultural para as novas gerações, que crescem entre duas ou mais línguas e culturas diferentes.

A religião e as tradições festivas tendem a perdurar na diáspora madeirense, embora o contacto quotidiano com a língua e a cultura do país de destino conduza à mistura de elementos culturais da sociedade recetora. Em situações festivas, à mesa, mantêm-se as marcas identificativas da origem da família, a par das comidas locais. Com essas práticas culturais, as famílias e as comunidades madeirenses conservam os seus valores, enquanto herança presente na memória coletiva de uma geração que a transmite às gerações seguintes. Trata-se de uma transmissão de conhecimento por via oral como forma de perpetuação da memória, da história e da identidade, por isso urge registar estes relatos que se perderão com o tempo.

Esta valorização da memória oral dos migrantes permite-nos resgatar o passado, a genuinidade das tradições madeirenses, neste caso da «Festa» e dos arraiais populares. Esta herança constitui um património imaterial, etnográfico, sociocultural e linguístico, fundamental para a identidade do turismo madeirense. Neste sentido, importa conhecer e divulgar as memórias coletivas das comunidades rurais, bem como a sua transposição para novos territórios, a «Nona Ilha» construída pelos madeirenses no mundo.